



**UMA INTRODUÇÃO ÀS CIÊNCIAS HUMANAS:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE *CIÊNCIAS HUMANAS NO  
OLHO DO FURACÃO: TENSÕES E PROBLEMAS  
CONTEMPORÂNEOS* (LUCIANA ANGELICE BIFFI;  
MÔNICA ABED ZAHER [ORGS.], 2020)**

**AN INTRODUCTION TO THE HUMAN SCIENCES:  
CONSIDERATIONS ABOUT *CIÊNCIAS HUMANAS NO  
OLHO DO FURACÃO: TENSÕES E PROBLEMAS  
CONTEMPORÂNEOS* (LUCIANA ANGELICE BIFFI;  
MÔNICA ABED ZAHER [ORGS.], 2020)**

Gabriel Marques Fernandes\*

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

<https://orcid.org/0000-0002-2194-4276>  
[gabrielmf027@gmail.com](mailto:gabrielmf027@gmail.com)

A coletânea **Ciências Humanas no Olho do Furacão: Tensões e Problemas Contemporâneos** (Luciana Angelice Biffi; Mônica Abed Zaher, 2020), publicada por Edições Verona, é uma instigante introdução<sup>1</sup> sobre as principais características e funções da Ciências Humanas no Brasil.

Diante da metáfora do título, questiono: como os cientistas das humanidades se portam no olho do furacão? Para respondermos a essa pergunta é necessário avaliarmos a

---

\* Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGEAHC/CEFT/UPM). Integra, como discente, o Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC) e o GT Nacional de História Cultural da Associação Nacional de História (ANPUH). É autor do livro "Afetos do Conservadorismo: Tudo Bem (Arnaldo Jabor, 1978) - desnudando a classe média brasileira" [São Paulo: Edições Verona, 2022, v. único].

<sup>1</sup> A obra, majoritariamente, apresenta produções de pesquisadores, de mestrando a doutores, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

primeira resenha, não oficial, sobre o livro: o recorte editorial, presente na capa do *e-book*, da pintura de Ludolf Backhuysen: *Cristo na Tempestade no Mar da Galileia* (1695).

Ao compararmos a tela (esquerda) e a capa de *Ciências Humanas no olho do Furacão* (direita) – figura abaixo –, veremos, com maior nitidez, o recorte editorial. O primeiro elemento percebido a ser destacado é a coloração: enquanto a tela aparenta ser mais escura, com um pequeno feixe de luz dourado iluminando, parcialmente, o barco, a versão do *e-book* é clara, enfatizando o marrom da nau e o amarelo da luz que se abre no céu que foi deixado fora do campo.

**Figura 1.** Cristo na Tempestade no Mar da Galileia (Ludolf Backhuysen, 1695) X Cristo na Tempestade no Mar da Galileia – Editado (Edições Verona, 2020)



Fonte: Arquivos do pesquisador, 2022

Existe outro elemento, para além do céu, “fora do campo”: retirou-se, centralmente, o grande vazio tempestivo criado por Backhuysen; que aparenta engolir o barco, transmitindo melancolia e preocupação, dado a pequenez das frágeis pessoas. Recortando esse vazio, destacando a potência da luz da embarcação, a capa do *e-book* faz o desafio de *Cristo na Tempestade no Mar da Galileia* não aparentar ser sobre-humano.

Apesar de Jesus Cristo ser iluminado, ser o filho de Deus (da mitologia cristã), que seria o salvador daquela situação, a natureza, na Edições Verona, não é maior que o barco, que a tecnologia humana. Qual a necessidade de um ser divino, quando o próprio humano pode resolver seus problemas? A capa de *Ciências Humanas no Olho do Furacão* é uma interpretação laica da obra de Backhuysen.

O Prof. Dr. Alcides Freire Ramos, membro do Conselho Editorial e da Direção Científica da Edições Verona, em uma conversa particular, ocorrida via *WhatsApp*, no dia

23 de Setembro de 2021, fez uma instigante fala sobre o *design* gráfico da capa de *Ciências Humanas no olho do Furacão*:

Ao fazê-la, o profissional (*design* gráfico), em seu primeiro gesto, aproveitou o dourado da vela da embarcação e o marrom que predomina no barco. As cores básicas da capa nascem, como que naturalmente, da própria pintura. É isso que garante a harmonia geral da composição do ponto de vista das cores. Falando em cores, o clássico contraste entre marrom e dourado (ouro) remete à algo elevado. Existem muitos exemplos disso na História da Pintura, mas também no “*design* de interiores” (decoração). Esse patamar elevado, indicado pelo uso do contraste marrom-ouro, também se alimenta de elementos contidos na tradição ocidental. Mais exatamente à própria ideia de Tragédia (ver a *Poética*, de Aristóteles, que nos mostra a Tragédia, por oposição à Comédia, como algo elevado). Essa alusão à Tragédia, aliás, está presente tanto no título quanto na pintura. Mesmo que a pintura tenha, na origem, um forte teor religioso e, portanto, ligado ao alegórico figurado, ela também pode ser interpretada de maneira laica. Desse ponto de vista, a imagem de um pequeno barco, frágil, em meio a uma Tempestade, ou Furacão (palavra que está no título), tem significação ampla e pode aludir a todo tipo de conjuntura. Mas, bem lá no fundo, a tragédia convive com a esperança. Essa esperança é tornada visível pela geometrização geral da imagem (pelo uso de triângulos). Geometria, de um modo geral, liga-se à razão, ao uso das capacidades cognitivas e, portanto, na possibilidade de superar dificuldades aparentemente intransponíveis. No gesto original, a pintura apoia-se na força da fé para o enfrentamento dessas dificuldades, mas, numa perspectiva laica é o próprio homem o agente que é capaz de transpor obstáculos e seguir adiante. (RAMOS, 2021, 13hrs. 58 min.).

O comentário de Ramos, para além de reiterar conclusões chegadas nesta análise, enfatiza a importância, dentro da ideia de laicização, da razão, do pensamento crítico-reflexivo, que a ciência pode proporcionar para sairmos da tormenta. Mas, então, o que Jesus Cristo significaria?

Ao observarmos um pouco mais de perto a embarcação, entendemos que Jesus Cristo não faz com que os marinheiros fiquem subservientes a ele; muito pelo contrário, eles prestam atenção no que é dito e, em específico, o homem de azul, atrás de Cristo, aparenta estar incomodado, ficando em pé e gesticulando: há, naquele momento, debate e diálogo, inspirado por Cristo, para sair daquela situação. Cristo pode ser visto, na perspectiva laica da Edições Verona, como um símbolo para a ciência.<sup>2</sup>

O debate racional, não a magnificência do “filho de Deus”: é isso que é iluminado pelas cores, é isso que é ressignificado pela Edições Verona. Diante das tensões e

<sup>2</sup> A aproximação simbólica entre Cristo e ciência pode ser explorada em interpretações cabalísticas/herméticas da figura de Jesus Cristo, envolvendo, especificamente, o mistério do número 6 (Tiphareth). Para os leitores interessados, sugiro: a obra *A Cabala Mística* (Dion Fortune, primeira publicação: 1935) e sistemas de tarô que servem para estudos gnósticos, como Rider-Waite (1909) ou Crowley-Harris (1944).

problemas do furacão – que não é maior que a potência humana –, nós, que estamos em uma frágil embarcação<sup>3</sup>, devemos olhar para as ciências – neste caso, as humanidades –, nos digladiando com suas múltiplas possibilidades interdisciplinares para chegarmos a uma resolução de nossas trevas.

Diante dessa interpretação da coletânea, partindo da estética editorial de sua capa, entendo que o pesquisador das humanidades deve prezar pela ciência para fundamentar o debate crítico reflexivo da conjuntura, tempestiva, na qual se encontra. É isso que se faz em cada um dos capítulos do *e-book*. Entretanto: qual é o furacão que enfrentamos na contemporaneidade?

Para as organizadoras, na “Apresentação” da obra, sendo fundamentadas por Yuval Noah Hariri, Umberto Eco e Djamilia Ribeiro, o ciberespaço, construído pela *internet*, é o mar revolto que os cientistas das humanidade são obrigados a velejar, já que as redes sociais formam um “novo lugar” (BIFFI, ZAHER, 2020) – que é palco para diversos movimentos sociais (progressistas, conservadores e ultraconservadores) –, em muitos momentos ritmados pelo lugar de fala, deixando a ciência à margem do debate, construindo “bolhas” e ausência de diálogo.

Portanto, para além de questionar com os cientistas das humanidades se comportam diante do furacão – inspirados pelos métodos e técnicas das ciências humanas<sup>4</sup>, abrindo diálogo com seus pares –, o sentido da obra é pensar os novos problemas do novo lugar, como:

Questões identitárias, de representatividade de minorias, os movimentos sociais organizados, os dilemas acerca das redes sociais, os debates sobre a utilização de gênero neutro nas linguagens, sobre a “uberização” do trabalho, sobre o cancelamento, dentre inúmeras outras questões. (BIFFI; ZAHER, 2020, p. 10)

Então, a proposta da obra é indagar a interlocução, muitas vezes interdisciplinar, das ciências humanas, promovendo um diálogo para sairmos do furacão do “novo lugar”,

---

<sup>3</sup> O resultado da análise do recorte editorial vai de encontro com a ideia de produção do material publicitário de *Ciências Humanas no Olho do Furacão*, feito pela Edições Verona, que, segundo Ramos – em uma conversa particular, ocorrida no dia 07 de Outubro de 2021, via *Whats.App* –, tem como objetivo “[...] levar o espectador em uma viagem para dentro da capa do livro” (RAMOS, 2021, 22hrs. 43 min.), colocando-nos, em primeira pessoa, dentro de um barco, que enfrenta uma chuva (percebida visivelmente e pelo áudio), em escala de cinza, com uma trilha sonora de aventura: o desafio de passar pela tempestade/furacão utilizando as ciências (humanas).

<sup>4</sup> Ramos, no “Posfácio”, após a leitura atenta de *Ciências Humanas no Olho do Furacão*, aponta que a dimensão teórico-metodológica nevrálgica da obra é fundamentada por meio da abordagem interdisciplinar da História Cultural (tendo forte destaque para os trabalhos com linguagens artísticas).

construído pelas novas tecnologias do capitalismo no século XXI. Como os capítulos se organizam em torno desse argumento?

Podemos dividir os 14 textos da obra em 3 partes.

A **primeira parte** apresenta uma reflexão teórica sobre as ciências humanas, delimitando suas funções e objetos de pesquisa, contando com os textos “Quando o pesquisador das ciências humanas encontra o seu lugar de fala”, do Doutorando Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa (UPM), e “Uma ilha de sensatez num mar de incompreensões: as ciências humanas como intérpretes da realidade social”, do Prof. Dr. Sérgio Ribeiro Santos (UPM).

Conclui-se: as ciências humanas são políticas, elas tem a função social de construção da democracia; para atingir esse objetivo, é preciso olhar, de forma crítica, para a realidade, desarticulando a naturalização do mundo social na formação cultural dos sujeitos.

Tendo como base tais resultados, o enredo da coletânea nos leva para a **segunda parte**, onde há 11 exemplos de investigações na área das ciências humanas. Em todos os textos podemos ver que o objeto de pesquisa está sempre em diálogo com sua historicidade, contribuindo para que exista o processo de compreensão crítica dos problemas do furacão contemporâneo que enfrentamos: o capitalismo, nos moldes financeiros, neoliberais e globais, tentando sobreviver por meio de ideologias e precarização.

Nos três primeiros capítulos dessa parte - “Refugiados africanos em São Paulo: entre os perigos de uma história única e a luta por reconhecimento”, da Profa. Dra. Priscila de Lima Alonso (UPM); “Negacionismo climático como janela para as trevas do contemporâneo”, Prof. Dr. Leandro Sales Esteves (UPM); e “Educação para a cidadania ou para o trabalho? Algumas reflexões acerca das ações educacionais e de alguns dos atores envolvidos”, da Doutoranda Vanessa Zinderski Guirado (UPM) – identificamos algo em comum: a problematização da tentativa da construção ideológica em torno do migrante, dos problemas sociais e da educação para sustentar a conservação do Brasil como um país colonizado pelos interesses estrangeiros.

No capítulo de Alonso, isso aparece através dos perigos da História Única, que perpetua, por meio das mídias, a continuidade da cultura da violência aos imigrantes em suas novas locações – no caso referido, focando-se em São Paulo-SP. Já na reflexão de Esteves, entendemos que o negacionismo – vide o climático - é uma distorção da dúvida científica que se faz em função de interesses mercadológicos, expresso pelos meios de

comunicações de massa. Por fim, de forma escancarada, Guirado apresenta a correlação entre a agenda neoliberal para educação de países “não desenvolvidos”, arquitetada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo Banco Mundial (BM), pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pela Organização Mundial do Comércio (OMC), e a legislação brasileira.

Nos 8 textos restantes da segunda parte, os trabalhos saem das práticas culturais para orbitarem em torno das linguagens artísticas como objetos de pesquisa.

Em “O cancelamento da realidade na série *Adventure time*”, do Mestrando Alexandre de Oliveira (UPM), em “Tempo de trabalho precarizado na era do capitalismo informacional: uberização em *Sorry We Missed You*” (2019), do Mestrando Carlos Augusto Keffer Franco Netto (UPM), em *Adeus, Lênin!* (2006) e as transformações urbanossociais: a ressignificação do trabalho e o apagamento do pensamento acadêmico”, do Mestrando Mateus Perez Geronimo (UPM), e, por fim, em “O caso Woody Allen: dinâmicas de assédio e o impacto na produção artística”, da Doutoranda Luciana Angelice Biffi (UPM) – organizadora deste *e-book* –, os objetos de pesquisa tangem o universo audiovisual, problematizando o capitalismo e os efeitos de suas novas tecnologias.

Oliveira nos demonstra como trabalhar com uma série, *Adventure Time* (2010-2018), de aproximadamente 8 anos de duração, apresentando seu debate sobre o “cancelamento da realidade”, ou seja, um comportamento de busca de “bolhas”, tecnológicas, que não prezam pela alteridade. Netto, por sua vez, faz uma relevante análise de *Sorry We Missed You* (Ken Loach, 2019), apontando para as novas tecnológicas que contribuem para a precarização do trabalho: a uberização. A atualização do capitalismo e sua subjugação do ser também é explorada por Geronimo, que destaca, por meio da análise de *Adeus, Lênin!* (Wolfgang Becker, 2006) as metamorfoses gestadas na Alemanha Oriental após a onda ocidental, impactando os costumes e a tradição popular. Por fim, Biffi, utilizando como fontes críticas de arte, aproxima-se da Estética da Recepção para verificar qual é a relação entre cineasta e sua obra, problematizando o caso de cancelamento de Woody Allen e suas produções artísticas.

Seguindo: os capítulos “*No Singular* (2012) e o lugar da Quasar Cia. De Dança no cenário artístico goiano”, do Mestre Samuel Nogueira Mazza (Universidade Federal de Uberlândia)<sup>5</sup>, e “Comunicação: A Política Brasileira e o ‘Quarto’ e ‘Quinto’ poderes numa

---

<sup>5</sup> Único autor que não está vinculado diretamente à UPM. Entretanto, Mazza faz parte do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC), onde a Profa. Dra. Rosângela Patriota Ramos (UPM), orientadora de grande parte dos pesquisadores deste livro (com exceção de Santos e Guirado), é uma das líderes.

relação esquizofrênica e perigosa, que coloca em risco a própria democracia”, do Doutorando Vanderlei Dias (UPM), aproximam-se da Imprensa.

Mazza, buscando compreender a recepção do espetáculo de dança *No Singular* (2012), depara-se com a construção de uma memória da arte de Goiás ligada aos projetos de modernização das oligarquias locais, que influem, diretamente, nos jornais da região. Dias, problematiza, por sua vez, corpo editorial do “Quarto Poder”, da comunicação da imprensa tradicional, comparando-a com o “Quinto Poder”, as mídias sociais, que não possuem nenhum corpo editorial.

Os últimos dois textos dessa segunda parte da obra não formam um conjunto específico. “A moda como forma de interpretação e suas relações com as demais ciências humanas”, da Profa. Dra. Mônica Abed Zaher (UPM) – organizadora deste *e-book* -, faz uma instigante introdução sobre o conceito de Moda, aprofundando-se na Moda de Indumentárias e na relação entre política – destacando os efeitos a pandemia de COVID-19 no mercado - e vestuário, trazendo exemplos da alta costura e movimentos como o *Hippie*, *Black Power* e *Punk* (entendendo a Moda como linguagem).

Já em “No Entremeio: transcendendo a hegemonia cultural e a temporalidade com o exercício do específico para o abrangente na performance *Balkan Baroque* de Marina Abramovic”, da Mestranda Renata Machado Poppe (UPM), encontramos fortes relações entre a trajetória e propostas do intelectual Edward Said e da artista Marina Abramovic, destacando-se a importância da problematização do espaço geográfico e temporal que arte vincula-se, rompendo com a hegemonia cultural.

Após esses 11 capítulos que constituem a segunda parte, podemos identificar que a ciências humanas toma como objeto de pesquisa: Práticas Culturais, Cinema, Imprensa, Moda, Performance, sempre problematizando como dos dispositivos da comunicação se relacionam com a cultura do poder dominante.

A terceira e última parte do *e-book* é um fecho para a abordagem interdisciplinar, entre História e Estética, da História Cultural, dentro das ciências humanas, realizadas ao longo dos escritos anteriores.

“Espaços interdisciplinares e perspectivas: o campo da História Cultural”, da Profa. Dra. Rosângela Patriota Ramos (UPM), retoma a obra de Oduvaldo Vianna filho (Vianinha) para problematizar a forma de trabalho das linguagens artísticas na História da Cultura: não tomando apenas a arte pela arte, mas sim, colocando-a no coração de seu tempo; evidenciando quais são os possíveis caminhos, em uma interconexão entre História

e Estética, amplamente explorada em *Ciências Humanas no olho do Furacão*, para se realizar a pesquisa no campo das humanidades

À guisa de conclusão, entendo que o leitor que terá acesso ao *e-book* aqui resenhado encontrará, com base nas reflexões feitas no PPGEACH/UPM, uma proposta da função social, frente ao furacão, do cientista das humanidades, assim como uma introdução didática sobre as relações interdisciplinares, entre História e Estética, que conduziram todos os capítulos, que, por sua vez, fizeram uma estimulante radiografia das tensões e problemas da cultura no mundo capitalista contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Priscila de lima. Refugiados africanos em São Paulo: entre os perigos de uma história única e a luta por reconhecimento. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 51-78.

BIFFI, Luciana Angelice. O caso Woody Allen: dinâmicas de assédio e o impacto na produção artística. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 184-198.

BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed. Apresentação. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 09-12.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Quando o pesquisador das ciências humanas encontra o seu lugar de fala. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 13-31.

DIAS, Vanderlei. A barbárie da comunicação: a política brasileira e o “Quarto” e “Quinto” poderes numa relação esquizofrênica e perigosa, que coloca em risco a própria democracia. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 255-241.

ESTEVES, Leandro Sales. Negacionismo climático como janela para as trevas do contemporâneo. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 79-94.

GERONYMO, Matheus Perez. *Adeus, Lênin!* (2003) e as transformações urbanossociais: a ressignificação do trabalho e o apagamento do pensamento acadêmico. *In*: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 170-183.

GUIRADO, Vanessa Zinderski. Educação para a cidadania ou para o trabalho? Algumas reflexões acerca das ações educacionais e de alguns dos atores envolvidos. *In*: BIFFI,



Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). **Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 95-137.

MAZZA, Samuel Nogueira. *No Singular* (2012) e o lugar da Quasar Cia. De Dança no Cenário Artístico Goiano. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 199-224.

NETTO, Carlos Augusto Keffer Franco. Tempo de trabalho precarizado na era do capitalismo informacional: uberização em *Sorry We Missed You* (2019). *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 151-169.

OLIVEIRA, Levi Alexandre de. O cancelamento da realidade na série “*Adventure Time*”. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 138-150.

POPPE, Renata Machado. No entremeio: transcendendo a hegemonia cultural e a temporalidade com o exercício do específico para o abrangente na performance *Balkan Baroque* de Mariana Abramovic. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 261-280.

RAMOS, Alcides Freire. [Diálogos sobre *Ciências Humanas no olho do Furacão I*]. WhatsApp. 23 de Setembro de 2021. 13:58. 1 mensagem de WhatsApp.

RAMOS, Alcides Freire. [Diálogos sobre *Ciências Humanas no olho do Furacão II*]. WhatsApp. 07 de Outubro de 2021. 22:43. 1 mensagem de WhatsApp.

RAMOS, Alcides Freire. Posfácio. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 305-306.

RAMOS, Rosangela Patriota. Espaços interdisciplinares e perspectivas plurais: o campo da História Cultural. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 281-304.

SANTOS, Sérgio Ribeiro. Uma ilha de sensatez num mar de incompreensões: as ciências humanas como intérpretes da realidade. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 32-50.

ZAHER, Mônica Abed. A moda como forma de interpretação e suas relações com as demais ciências humanas. *In: BIFFI, Luciana Angelice; ZAHER, Mônica Abed (orgs.). Ciências Humanas no Olho do Furacão: tensões e problemas contemporâneos*. 1. ed. São Paulo: Edições Verona, 2020, p. 242-260.

RECEBIDO EM: 29/08/2022  
PARECER DADO EM: 04/11/2022